



COMISSÃO POLÍTICA  
**SOCIALISTAS  
APROVAM  
REGULAMENTO  
DO GABINETE  
DE ESTUDOS**



**SECRETÁRIO-  
-GERAL COM OS  
SOCIALISTAS  
EUROPEUS**

PÁGINAS 11 A 13

PÁGINA 4

ENTREVISTA ANTÓNIO COSTA

# O PS TEM CONSEGUIDO CORPORIZAR O VOTO DE ALTERNATIVA

Numa entrevista conduzida pelos jornalistas Maria Elisa e Vicente Jorge Silva para o "Acção Socialista", o Secretário-geral avalia o que têm feito o Presidente da República e o Governo. Fala do PS, do seu passado recente, dos seus objetivos, das suas propostas e dos seus calendários.

PÁGINAS 8 A 10



**DEM AÍ O DIGITAL DIÁRIO**

A partir de hoje, todos os dias úteis, às 17h, pode ler a edição digital do "Acção Socialista" em

[www.accaosocialista.pt](http://www.accaosocialista.pt)



## QUENTE & FRIO

### A esaludar PS LIDERA INTENÇÕES DE VOTO

Sondagens recentes colocam o Partido Socialista em 38,1% das intenções de voto dos portugueses, 6 pontos percentuais à frente da coligação PSD-CDS que atualmente (des)governa o país.

Mas, se compararmos PS e PSD isoladamente, a vantagem amplia-se para uns confortáveis 12 pontos favoráveis aos socialistas.

E, com a entrega do PEC (Programa de Estabilidade e Crescimento) às portas, os bastidores laranja agitam-se, levantando-se muitas dúvidas sobre a mais-valia de renovar a aliança à direita, com o CDS a puxar para baixo a soma dos dois partidos.

É esperar para ver qual o coelho que sai da cartola. Passos já avisou que uma decisão sobre a coligação só será depois das eleições.

### Quente AUSTERIDADE FRACASSOU!

As evidências são mais que muitas e os exemplos não se se ficam pelo nosso quintal, abrangendo, sim, uma dimensão europeia: a política de austeridade levada a cabo pelo Governo português fracassou, contribuindo diariamente para o enfraquecimento da economia nacional.

De visita a Mangualde, António Costa insistiu na ideia de focar a estratégia governativa em produzir, criar riqueza, mobilizar empresas e pessoas para este esforço de produção e crescimento.

O Governo continua cego e surdo.

### Frio CHUMBOS DE CHUMBO

O ministro da Educação garante que partilha das preocupações do Conselho Nacional de Educação (CNE) relativamente às elevadas taxas de retenção de alunos, a aumentar exponencialmente desde 2011 e que, segundo a referida entidade, constituem "o problema mais grave do sistema educativo".

Partilhas partilhas, soluções à parte, Nuno Crato não adiantou uma só medida nova para combater um fenómeno que envolve cerca de 150 mil alunos no sistema de ensino público e privado.

A razão para esta "lacuna" é simples: É que a estratégia do corte cego e da aniquilação da escola pública não serve para fazer face à necessidade apontada pelo CNE de dar "efetivas condições às escolas" que permitam criar "melhores condições de aprendizagem" nem para apostar na intervenção precoce.

### Gelado CAVALOS DE TROIA?

Mais merkelista que a própria Merkel, o Governo português insiste numa política caseira austeritária. Em vez de fazer uso do precedente negocial aberto pela administração helénica em benefício do nosso país, o primeiro-ministro e a ministra das Finanças não vacilaram em humilhar o Executivo e o povo gregos, numa altura em que os portugueses sentem ainda os efeitos trágicos da austeridade "custe-o-que-custar" e o fantasma da troica a pairar em todos os setores-chave da vida nacional.

Neste contexto e face aos recentes desenvolvimentos à escala do Eurogrupo, o líder do PS, António Costa, responsabiliza o Executivo Passos/Portas por definir uma estratégia para o país que ignora as negociações a 28 na União Europeia, ficando bloqueado numa única solução. ■ **MARY RODRIGUES**



## GOVERNO FALHA METAS DA DÍVIDA PÚBLICA

A continuada política de austeridade prosseguida pelo Governo está a contribuir para o enfraquecimento da economia portuguesa

**SÃO MÁIS NOTÍCIAS** para Portugal. Segundo dados do Banco Central, a dívida pública em 2014 atingiu os 128,7% do produto, acima do verificado no ano anterior e muito além da meta fixada pelo Governo.

Para António Costa fica provado o que o PS vem defendendo e insistindo desde o início desta legislatura: que as políticas de austeridade levadas a cabo pelo Governo português fracassaram contribuindo diariamente para o enfraquecimento da economia portuguesa.

Só com uma economia sã, defendeu o líder socialista, "haverá finanças públicas sãs", recomendando que o país se foque no esforço de criação de riqueza, produzindo e mobilizando as empresas e as pessoas para a produção e o

crescimento.

Esta política de austeridade fracassou e não produziu os resultados desejados. Pelo contrário, disse ainda António Costa, como aliás o demonstram os números do Bando de Portugal, estão a "contribuir para o enfraquecimento dia a dia da nossa economia".

Se Portugal quer sair deste vespeiro para onde o Governo português empurrou o país "temos que mudar de estratégia" empenhando-se mais na produção melhorando as expectativas dos agentes económicos para que as empresas se possam capitalizar e passarem a dispor de condições para investir, retomando a "convergência e a coesão com a União Europeia".

De visita a duas fábricas de confeções no concelho de Mangualde, o líder do PS in-

sistiu na importância do país se focar na valorização do território como ponto "essencial para a mudança", lembrando que Portugal não pode continuar "a desperdiçar" uma área fundamental do país, onde há um enorme potencial, quer do setor primário e terciário, quer do setor industrial, devendo olhar para todo este território "como uma grande plataforma da nossa projeção no mercado global", designadamente em relação aos mercados ibérico e europeu.

Recorde-se que a dívida das administrações públicas na ótica de Maastricht fixou-se, como tornou público o Banco de Portugal, em 128,7% do PIB em 2014, acima do verificado em 2013 (128%) e da meta fixada pelo Governo para o ano passado que era de 127,2% do produto. ■

### ACÇÃO SOCIALISTA HÁ 30 ANOS



21 DE FEVEREIRO DE 1985

### POSSE DE NOVOS MEMBROS DO GOVERNO

O discurso do primeiro-ministro, Mário Soares, na tomada de posse dos novos membros do Governo do Bloco Central era um dos temas de capa da edição de 21 de fevereiro de 1985 do "Acção Socialista".

O órgão oficial do PS dava ainda destaque aos 20 anos do infame assassinio de Humberto Delgado por uma brigada de esbirros da PIDE, em pleno solo espanhol. Duas evocações do "General Sem Medo" feitas pelos camaradas António Macedo e José Luís Nunes. ■ **J. C. C. B.**



## COMISSÃO NACIONAL PRIMÁRIAS PARA DEPUTADOS E AUTARCAS

A Comissão Nacional do PS aprovou a possibilidade de eleições primárias abertas a simpatizantes para todos os cargos políticos públicos disputados pelo partido.

**“FOI UMA PROPOSTA** que o secretário-geral apresentou e aprovou no Congresso e que agora é ratificada pelos comissários nacionais. É um passo em frente na democracia interna do PS”, afirmou a líder da Federação de Setúbal, Ana Catarina Mendes, aos jornalistas, no dia 31 de janeiro, na cidade sadina.

Segundo Ana Catarina Mendes, esta “foi uma Comissão Nacional marcada essencialmente pela análise da situação política”, por “todas as transformações que estão a decorrer na Europa e o que elas implicam para Portugal”, e, por outro lado, os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) que “revelaram um aumento brutal da pobreza”, referiu a dirigente socialista.

A este propósito, o líder do PS, António Costa, na sua intervenção de abertura da Comissão Nacional, assinalou que os dados do INE são “reveladores do fracasso da política deste Governo, quer no domínio económico quer social”.

“A tese que o Governo quis apresentar que neste programa de ajustamento tinha havido justiça social – que aqueles que mais tinham, tinham suportado mais, e aqueles que menos tinham, tinham suportado menos – é uma ideia que é falsa”.

“O programa de ajustamento traduziu-se num drama social não só na emigração, no desemprego, mas num aumento significativo

da pobreza e das desigualdades”. Neste sentido, António Costa destacou que o risco de pobreza aumentou sobretudo entre os jovens e as crianças, considerando que isso “significa o risco de reproduzir uma nova geração de pobreza e significa cortar à partida a oportunidade que todos têm de ter de realizar plenamente o seu potencial”.

O secretário-geral socialista frisou igualmente que “ao aumento da pobreza, o Governo conseguiu acompanhar com a asfixia fiscal da classe média”, o que é refletido nos dados que revelam que “mais 10% da população empregada está também em risco de pobreza”.

E quis também focar-se na quantificação do aumento das desigualdades fornecida pelo INE: “Aumentaram seis vezes quando

se compara entre os 20% mais pobres e os 20% mais ricos, e quando comparamos entre os 10% mais pobres e os 10% mais ricos, a diferença é de 11 vezes favorável aqueles que têm rendimentos mais elevados”, frisou. Sobre a situação internacional, nomeadamente na União Europeia, António Costa afirmou que as mudanças que já se verificam na Europa têm de ser acompanhadas por uma mudança em Portugal, considerando que as críticas a fazer aos sinais dessa mudança, o plano Juncker ou o programa do BCE, é que não são ainda suficientes.

“Mas não é esta a posição do Governo português”, condenou Costa, acusando o primeiro-ministro de recusar uma “leitura inteligente do tratado orçamental” e de ter sido derrotado pelo programa de compra de dívida do BCE.

Após advertir que “ou a Europa muda de política ou a Europa perderá o apoio popular”, o líder do PS advogou ser urgente “travar a austeridade para relançar a economia e poder criar emprego e ter crescimento”, reclamou mais investimento e defendeu uma “alteração na política de rendimento”.

A finalizar, António Costa considerou que “a verdadeira e única lição” a tirar das eleições gregas é que o PS “não é nem será o PASOK”, porque se propõe ser alternativa e travar a austeridade. ■ M.R.

“Dados do INE são reveladores do fracasso da política deste Governo, quer no domínio económico quer social”

“O programa de ajustamento traduziu-se num drama social”



“ O perigo reside em nos virmos a tornar verdadeiros habitantes do deserto e em nos virmos a sentir nele como na nossa terra.

HANNAH ARENDT

**H**oje é um dia memorável na já longa vida do “Acção Socialista”. Tendo há muito atingido a plenitude e conquistado um lugar próprio na imprensa partidária do nosso país, o “AS” ousa levantar voo e dar origem a um projeto inovador, ambicioso e arriscado: um jornal digital diário.

Na boa tradição do papel pioneiro que o PS sempre desempenhou na vida política portuguesa, o “AS” renova-se e desdobra-se para melhor servir os portugueses. Sem ruturas nem alteridades, a edição mensal em papel moderniza-se e prossegue o seu caminho, fazendo chegar as mensagens do partido a casa dos socialistas. E, por outro lado, numa linha de complementaridade de funções e de alargamento dos públicos-alvo, o AS digital vai estar acessível, pelas 17h de todos os dias úteis, a todos os potenciais leitores. É um novo ciclo que se abre. Esperamos, deste modo, contribuir para aproximar os cidadãos da política, incutir-lhes confiança e mobilizá-los para a mudança de que Portugal precisa: um novo Governo, políticas alternativas e uma nova atitude em relação à Europa.

Para os que ainda tinham dúvidas sobre as consequências das políticas de austeridade e empobrecimento seguidas pelo Governo de Passos Coelho e Paulo Portas, os dados divulgados pelo INE confirmam o que o PS vem denunciando: agravamento da situação social e aumento das desigualdades na distribuição dos rendimentos, sendo as crianças e os idosos os mais afetados.

E, como afirma António Costa, na entrevista que aqui publicamos - conduzida por dois jornalistas independentes e de reconhecido mérito, Maria Elisa e Vicente Jorge Silva, a quem agradeço terem aceitado o repto que lhes lancei – “um dos grandes fatores de estagnação da nossa economia é o baixo nível de expectativas e confiança no futuro. E isso tem a ver com a política de rendimentos”.

Bem pode o Governo andar a dizer que “isto está melhor” e que os sacrifícios “valeram a pena”. Os portugueses sabem por experiência própria que isto está pior e que os sacrifícios foram inúteis. Não só há mais pobreza e desemprego como até a dívida aumentou para 128% do PIB, quando em 2011 era de 97%. De tal modo que, na semana passada, o atual presidente da Comissão Europeia (e ex-presidente do Eurogrupo), que pertence à mesma família política que Passos e Portas, fez mea culpa e reconheceu que a troika “pecou contra a dignidade dos portugueses, gregos e irlandeses” e que é preciso rever o modelo e não repetir os mesmos erros. Só o Governo português na sua arrogância incompetente não quer ver a evidência e emendar a mão. Pelo contrário. Em vez de defender o interesse nacional, a ministra das Finanças prestou-se ao vergonhoso papel de ser exibida como um troféu que a Alemanha usou contra a Grécia.

Perante tudo isto e a situação caótica na Saúde, na Educação e na Justiça, seria de esperar um maior sobressalto cívico. Portugal está virado do avesso e os portugueses em desespero já não têm forças para reagir. Vale a pena refletir sobre a advertência de Hannah Arendt que escolhi para epígrafe deste texto. ■

## GABINETE DE ESTUDOS DO PARTIDO SOCIALISTA E PROGRAMA ELEITORAL DO PS PERGUNTAS & RESPOSTAS

### 1. O QUE É O GABINETE DE ESTUDOS DO PS?

O Gabinete de Estudos do Partido Socialista é a estrutura permanente de investigação e apoio técnico do Partido Socialista. A Comissão Política do PS aprovou o Regulamento que permite ao Gabinete de Estudos iniciar os seus trabalhos.

### 2. O QUE FARÁ O GABINETE DE ESTUDOS DO PS?

O Gabinete de Estudos vai preparar o programa eleitoral do PS. O Gabinete de Estudos tem ainda outras competências, como as seguintes:  
Estudar temas relevantes para a definição das propostas do PS;  
Promover a elaboração de estudos científicos necessários à definição das posições e propostas do PS;  
Realizar debates, reuniões e conferências para que a decisão política do PS seja informada.

### 3. HAVERÁ NOVIDADES NA FORMA COMO O GABINETE DE ESTUDOS VAI PREPARAR O PROGRAMA ELEITORAL DO PS?

Sim.  
O Programa do PS terá três novidades que se destinam a ter um programa eleitoral com um maior grau de compromisso, com mais participação e mais claro para os cidadãos.

**1.ª novidade:** Um Programa Eleitoral responsável, com medidas calendarizadas e impactos estimados  
As medidas concretas a incluir no Programa do PS serão calendarizadas.  
Os impactos e resultados esperados das políticas serão publicamente assumidos no Programa.  
Mais responsabilidade e compromisso significa mais escrutínio e avaliação dos cidadãos relativamente às nossas propostas políticas.

**2.ª novidade:** Um programa participativo, aproveitando propostas de cidadãos e colocando-as à votação  
O PS vai lançar as bases de um programa eleitoral participativo, seguindo os bons exemplos dos orçamentos participativos de alguns municípios.  
Os cidadãos serão chamados a apresentar propostas concretas para o Programa Eleitoral do PS. Depois, nalgumas áreas selecionadas, colocaremos à votação várias alternativas que se enquadrem nos princípios do PS, para que os cidadãos possam escolher a que preferem.  
As alternativas mais votadas serão incluídas no Programa Eleitoral do PS.

**3.ª novidade:** Um programa claro, que vai explicar e identificar, em linguagem clara e acessível ao cidadão, o que é diferente do PSD/CDS  
Nunca as propostas do PS foram tão diferentes das do governo PSD/CDS.  
Para que os cidadãos saibam quais são as diferenças, o Programa Eleitoral do PS vai identificar, em linguagem clara e acessível ao cidadão, quais as diferenças entre as suas propostas e as medidas que o PSD/CDS concretizou no Governo.

### 4. QUANDO SERÁ APRESENTADO O PROGRAMA ELEITORAL DO PS?

O secretário-geral do PS assumiu o compromisso de apresentar o Programa Eleitoral do PS até ao final da Primavera.

### 5. O QUE SUCEDE AOS TRABALHOS REALIZADOS NO ÂMBITO DO LIPP?

Todo o trabalho realizado pelo LIPP será aproveitado e todos os que participaram são convidados a continuar a contribuir e reforçar a sua participação.



## COMISSÃO POLÍTICA SOCIALISTAS APROVAM REGULAMENTO DO GABINETE DE ESTUDOS

A Comissão Política do PS, na sua primeira reunião depois do Congresso de Lisboa, aprovou, por unanimidade, o regulamento do novo Gabinete de Estudos, que terá como diretor o camarada João Tiago Silveira. O objetivo desta nova estrutura é preparar o programa eleitoral do PS.

**“O GABINETE DE ESTUDOS** vai preparar o programa eleitoral do PS, que terá como preocupação central “informar e ajudar as pessoas a perceber a diferença entre a proposta dos socialistas e aquilo que tem sido a governação PSD/CDS”, disse João Tiago Silveira, adiantando que nunca como hoje foram tão evidentes as diferenças entre o projeto do PS e o dos partidos da maioria. Falando aos jornalistas no final da Comissão Política, o ex-secretário de Estado sublinhou que “o Governo PSD/CDS apostou num modelo de baixos salários para aumentar a competitividade do país, mas falhou na competitividade e no equilíbrio das contas públicas, enquanto o PS aposta em ir à raiz dos

problemas, à qualificação das pessoas e ao aproveitamento dos recursos, tendo em vista fazer crescer a economia e ao mesmo tempo equilibrar as contas públicas”. O coordenador do novo Gabinete de Estudos lembrou que “um Estado Europeu moderno, hoje em dia, não pode apostar em baixos salários para ser competitivo. Nenhum dos exemplos que temos de Estados modernos, bem-sucedidos e competitivos vingou por via dos baixos salários”. Portanto, adiantou, “nós vamos mostrar muito bem qual a diferença entre a proposta do PS e as políticas que foram seguidas pelo PSD e CDS”. De salientar ainda que o Gabinete de Estudos irá contar com a colaboração de perso-

nalidades independentes, nomeadamente as que participaram no LIPP, organismo criado pela anterior direção do nosso partido. Assim como em algumas áreas selecionadas será colocada à votação várias alternativas que se enquadrem nos princípios do PS para que os cidadãos possam escolher a que preferem. As alternativas mais votadas serão depois incluídas no documento. “A ideia é utilizar os novos instrumentos de participação política e de abertura do PS à sociedade”, explicou João Tiago Silveira. “Queremos diálogo com a sociedade civil e queremos reestabelecer esses canais de comunicação para fazer propostas melhores”, disse ainda. ■ **J. C. C. B.**



DEBATE QUINZENAL

## GOVERNO ATENTA CONTRA DIGNIDADE DOS PORTUGUESES

A ministra das Finanças de Portugal pôs em causa a "dignidade" dos portugueses quando, na sua recente visita à Alemanha e com a conivência do primeiro-ministro, serviu de instrumento de arremesso contra a Grécia. A denúncia foi feita no passado dia 20 de fevereiro, pelo líder da bancada do PS, Eduardo Ferro Rodrigues, durante o debate quinzenal com o primeiro-ministro.

"O SENHOR é responsável, como se viu agora pelas suas intervenções, pelo papel que a ministra das Finanças se prestou a desempenhar junto do ministro alemão, sendo totalmente instrumentalizada contra a Grécia e atuando como porta-voz do ministro alemão", afirmou o presidente do GP/PS.

Numa troca de palavras tensa, Ferro Rodrigues criticou a ministra das Finanças por alinhar com a Alemanha numa "posição radical e austeritária" e de ter atentado contra a dignidade dos portugueses ao dizer que Portugal cumpriu o memorando de entendimento com "coesão social".

O líder da bancada socialista afirmou que os emigrantes, os desempregados, "os jovens que tiveram de regressar para casa dos pais" ou "os idosos sem acesso a serviços de saúde e serviços de justiça" passam "por situações de dificuldade e são tratadas abaixo do limiar de dignidade".

"Acha que os portugueses apoiam as afirmações do senhor Juncker ou do ministro Marques Guedes, o que é que acha, senhor primeiro-ministro? Acha que os portugueses apoiam as posições do governo português nas reuniões europeias ou que apoiam o povo da Grécia?", questionou.

**"Portugal recuou cerca de uma década e as desigualdades aumentaram brutalmente"**

### Pobreza e colapso do SNS

Antes, o presidente do GP/PS confrontara Pedro Passos Coelho com a situação caótica nas urgências hospitalares e com dados "preocupantes" sobre a economia nacional.

E começou por destacar "a debandada" de responsáveis hospitalares devido à "situação assustadora" nos serviços de urgência dos hospitais.

"Esses profissionais deram um exemplo de dignidade ao não pactuarem com a falta de condições", afirmou Ferro Rodrigues, responsabilizando o Executivo de direita pela imposição de "um garrote" que está a fazer "colapsar" o Serviço Nacional de Saúde (SNS).

Durante o debate no parlamento, o líder da bancada socialista alertou ainda para o aumento do risco de pobreza

"Só entre 2011 e 2013 aumen-

taram em 400 mil [pobres], Portugal recuou cerca de uma década e as desigualdades aumentaram brutalmente", referiu, defendendo de seguida que "em 2014 a situação só piorou porque foram atacadas as pessoas com subsídio de desemprego, beneficiários do complemento solidário para idosos e do rendimento social de inserção".

"Ainda consegue dizer que quem se lixou não foi o mexilhão?", interrogou o líder da bancada socialista, considerando depois "muito preocupantes" os indicadores sobre o investimento, que mostram que "em 2015 as perspetivas são inferiores a 2014". ■ **M.R.**

## PROPOSTAS SOCIALISTAS PARA REANIMAR O INVESTIMENTO

Dinamizar o investimento na economia portuguesa é o objetivo central das seis propostas que o PS apresentou recentemente na Assembleia da República: criação de um Fundo de Capitalização, neutralidade fiscal entre capitais próprios e alheios, sistema de incentivos para integração em polos de competitividade, revisão das regras em matéria de isenção de reembolsos e das limitações impostas pelo Governo na definição de projetos inovadores, bem como uma aposta na reabilitação urbana.

**NA ABERTURA** do debate de urgência proposto pelo Partido Socialista e realçando a importância destas propostas, o deputado Pedro Nuno Santos sublinhou que "se as exportações de hoje são resultado do investimento de ontem, as exportações de amanhã são resultado do investimento de hoje".

O elevado endividamento das empresas portuguesas é um dos principais obstáculos ao investimento privado. Assim, e para promover o investimento, o PS

propõe a criação de um Fundo de Capitalização que permita aumentar a autonomia financeira das empresas nacionais, financiado pelos reembolsos dos fundos comunitários, por fundos públicos e com os "vistos gold".

Ainda no domínio da promoção do investimento, os socialistas propõem a garantia de neutralidade fiscal entre capitais próprios e alheios, uma vez que, sublinham, não há nenhuma razão que justifique que o recurso a capital alheio seja dedutível em

termos fiscais sem que o mesmo aconteça com os capitais próprios.

Por outro lado, os fundos comunitários são o mais importante instrumento para promover o desenvolvimento e modernização da economia portuguesa. Nesse âmbito, o PS propõe um sistema de incentivos que privilegie a integração em polos de competitividade, bem como a revisão das regras em matéria de isenção de reembolsos, de forma a conceder-se melhores condi-

ções ao investimento.

A bancada socialista propôs ainda a revisão das limitações impostas pelo Governo na definição de projetos inovadores e que pode ser um obstáculo à expansão da capacidade produtiva de empresas de maior dimensão.

Por último, o PS advoga uma aposta na reabilitação urbana com base num montante reduzido que lhe é afeto no próximo quadro comunitário de apoio. Sendo uma atividade de mão-de-obra intensiva e componente de

importação relativamente reduzida, o PS propõe a mobilização de uma parte, não superior a 10%, do Fundo de Estabilização de Segurança Social.

Esta medida, explicam, permitiria um forte impacto no emprego com média e fracas qualificações, dinamizaria o investimento, permitiria a reanimação da indústria de materiais de construção, promoveria a eficiência energética bem como melhoraria a atratividade turística das cidades. ■



## AUMENTO DA POBREZA

# PORTUGAL REGREDIU DEZ ANOS

Estamos mais pobres, mais desprotegidos e o país mais assimétrico na distribuição de rendimentos. Os dados sobre o aumento da pobreza em Portugal são indelmentáveis e reveladores do “fracasso das políticas do Governo”, como recordou o secretário-geral do PS na abertura da Comissão Nacional que teve lugar em Setúbal.

**PERANTE** os recentes dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) sobre a galopante subida da pobreza em Portugal, António Costa lembrou-se das palavras do primeiro-ministro, em outubro de 2011, qual Nostradamus, de que “só vamos sair desta situação empobrecendo em termos relativos e mesmo em termos absolutos”.

“Um objetivo plenamente atingido”, como realçou o líder do PS, com todos os dados do INE a apertarem para uma taxa do

risco de pobreza que atinge hoje quase 20% da população.

Pobreza que não se reflete apenas nos cortes brutais no Estado Social, nos salários dos funcionários públicos, nos rendimentos dos reformados e pensionistas, e no generalizado empobrecimento da classe média ou de quem está a sofrer a angústia do desemprego, mas igualmente de parte expressiva da população ativa, com mais de 10% das pessoas empregadas a usufruir de rendimentos “abaixo do limiar de pobreza”.

Os dados divulgados pelo INE vêm provar o que o PS há muito denuncia: que o programa de ajustamento imposto ao país e à sua economia pela troika, com o beneplácito ideológico do Governo, tinha que afluir numa recessão bastante acima do esperado, com o agravamento significativo da situação social, com mais desemprego e mais pobreza, e com a dívida pública a crescer mais depressa do que era previsto.

A pobreza em Portugal, disse ainda o líder do PS, é hoje “uma realidade estatística”, compro-

vando que a receita do Governo, de impor austeridade para promover o crescimento e pagar a dívida pública, “falhou”.

### Receita falhada

E nem outra situação se poderia esperar, sublinhou ainda o secretário-geral socialista, com a brutal redução e o corte de prestações sociais de solidariedade atribuídas aos mais pobres, com a diminuição das pensões e de outras prestações aos idosos, e com mais o enorme aumento de impostos, com consequências di-

retas no aumento do desemprego e da emigração.

Mais de dois milhões de portugueses, cerca de 20% da população, vivem com pouco mais de 400 euros mensais um aumento generalizado da pobreza que atinge todos os grupos sociais, com maior incidência nos mais idosos e nas crianças, mais de 100 mil pobres em resultado de três anos de austeridade cega, e mais de 300 mil novos emigrantes, são números arrasadores que refletem um balanço negativo desta legislatura do PSD/CDS.



#### CARLOS CÉSAR

“A atual situação da pobreza decorre da aplicação de um programa de austeridade, e uma aplicação para além do acordado. Os cortes na área social vão muito para além do que é razoável. E o OE de 2015 só vem agravar estes cortes”



#### ANTÓNIO COSTA

“Um em cada cinco portugueses está em risco de pobreza. Mais de um quarto da população, cerca de dois milhões, vive em privação material”



#### VIEIRA DA SILVA

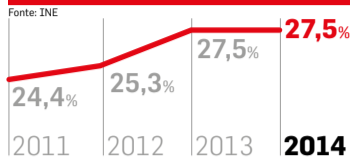
“Há uma particular incidência da pobreza em famílias com filhos, mas também na população idosa ou nos reformados”



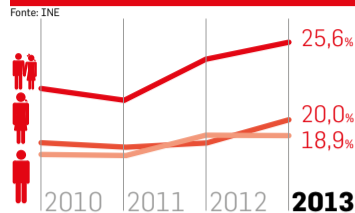
#### SÓNIA FERTUZINHOS

“O aumento da pobreza e dos pobres em Portugal resulta de uma opção política clara deste Governo”

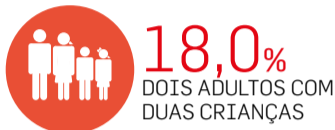
### POPULAÇÃO EM RISCO DE POBREZA



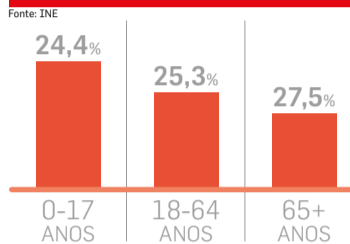
### TAXA RISCO DE POBREZA



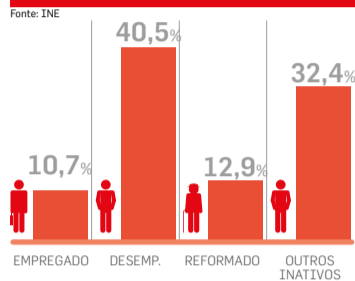
### O RISCO DE POBREZA NAS FAMÍLIAS 2013



### TAXA RISCO DE POBREZA GRUPO ETÁRIO



### TAXA RISCO DE POBREZA CONDIÇÃO TRABALHO



### TAXA RISCO DE POBREZA (%) CONSIDERANDO TRANSFERÊNCIAS SOCIAIS

Ano de referencia dos dados	2010	2011	2012	2013
Após transferências sociais	18,0	17,9	18,7	19,5
Após transferências relativas a pensões	25,4	25,3	25,5	26,7
Antes de qualquer transferência social	42,5	45,4	46,9	47,8
<b>EU-SILC</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>

EU-SILC: Inquérito às Condições de Vida e Rendimento  
Fonte: INE

Um cenário de empobrecimento que é igualmente perceptível em 25% das crianças e dos jovens.

Para o líder do PS, esta situação em particular acarreta consigo não só enormes problemas para o presente mas terá sérias repercussões no equilíbrio futuro do país.

Por tudo isto, António Costa não tem dúvidas que o Governo de direita falhou a receita, desde logo porque se mostrou incapaz, "como lhe competia", de controlar a dívida e inverter o fracasso das suas políticas

económicas e sociais.

Defende, por isso, que é preciso "travar" a austeridade e relançar a economia e o emprego, reclamando mais investimento e alterações nas políticas de rendimento. Algo que, em sua opinião, só será possível com a substituição deste Governo.

Quanto à dívida pública, o líder do PS recordou que só no ano passado aumentou perto de 8 mil milhões de euros, o que significa o total da receita obtida por este Governo em três anos de privatizações.

É por tudo isto, como salientou por sua vez Vieira da Silva, vice-presidente da bancada do PS, que o aumento da pobreza em Portugal se deve em exclusivo "às políticas de austeridade deste Governo" que insiste em não reconhecer os problemas sociais do país.

Para Vieira da Silva, e ao contrário do que afirmou o primeiro-ministro, quem ficou de facto com a parte mais dura da crise foi mesmo o mexilhão, culpando o Executivo PSD/CDS pelo drama social em que o país está mergulhado. ■ **R.S.A.**



## POBREZA: A DURA REALIDADE

SÓNIA FERTUZINHOS

“ Em apenas dois anos, mais 450 mil pessoas caíram na situação de pobreza!

A 25 de outubro de 2011 o atual primeiro-ministro disse: "Só vamos sair desta situação empobrecendo em termos relativos e em termos absolutos".

Na altura não se percebeu se esta declaração era uma promessa ou uma ameaça. Seja como for, por uma vez o primeiro-ministro cumpriu o que prometeu: Portugal está mais pobre, as pessoas e as famílias em geral estão mais pobres e os que já eram pobres estão hoje ainda mais pobres.

Entre 2011 e 2013, em apenas dois anos, mais 450 mil pessoas caíram na situação de pobreza! Se é importante denunciar esta realidade é ainda mais importante deixar bem claro que estes números não são fruto do acaso, nem um efeito inesperado de uma qualquer política que correu menos bem.

O aumento da pobreza e dos pobres em Portugal resulta de uma opção política clara deste governo: a opção de ir para além da troika! E tem nomes e rostos: os do primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, e do vice primeiro-ministro, Paulo Portas.

A opção deste Governo de cortar, entre 2012 e 2013, mais quase oito mil milhões de euros do que estava previsto no memorando, não está, não pode estar desligada do crescimento da pobreza: quase mais meio milhão de portugueses e portuguesas.

O mesmo pode ser dito sobre o aumento das desigualdades, que também resulta de uma opção política clara deste Governo: a opção da austeridade expansionista e da desvalorização salarial. A opção de reduzir os salários e as pensões a todo o custo!

Olhemos ainda para os dados da pobreza, analisando a sua evolução por grupos.

Mais uma vez, o aumento da pobreza nas crianças (só comparável com os números de há mais de uma década), nas famílias com filhos, nos desempregados, nas pessoas que têm emprego e nos idosos é o resultado de uma opção política clara deste Governo: a de fazer dos cortes nas políticas sociais uma parte substancial da estratégia da austeridade expansionista com que quiseram surpreender a troika.

A destruição de equilíbrios sociais foi a marca desta governação da coligação PSD/CDS. Um percurso lento mas progressivo de redução da pobreza e de diminuição das desigualdades foi dramaticamente invertido em poucos anos.

Definitivamente não houve ética na austeridade.

E é também por isso que o país exige uma nova política e um novo caminho.

Um caminho que recuse a estagnação e o recuo social.

Um caminho que una os portugueses e não faça da confrontação o alibi para as dificuldades.

O caminho que já tarda mas que tem de estar ao nosso alcance. ■

## DESEMPREGO

# INCAPACIDADE DO GOVERNO FAÇE À MAIOR CHAGA SOCIAL DO PAÍS

O PARTIDO SOCIALISTA classificou recentemente o desemprego como a "maior chaga social" de Portugal, criticando a incapacidade do Governo de direita para resolver o problema.

O deputado socialista Nuno Sá sublinhou, em recentes declarações à Imprensa, que os números divulgados pelo Executivo através do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) não coincidem com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE).

De acordo com os dados do INE, a taxa de desemprego subiu 0,4 pontos percentuais no quarto trimestre de 2014 face ao anterior, fixando-se em 13,5%.

Em termos anuais, no ano passado, a taxa de de-

semprego fixou-se em 14,1% (727,5 mil desempregados) e a dos jovens em 34,7% (131,4 mil).

O IEFP disponibilizou dados de dezembro do ano passado que mostram que há cerca de 166 mil "ocupados" em programas de emprego e formação que não entram nas estatísticas do desemprego.

Falta ainda a disponibilização, para o quarto trimestre de 2014, do número de "inativos disponíveis", que também não são contabilizados na taxa de desemprego, mas que os dados mais recentes apontam para 300 mil.

Resumindo, entre desempregados "oficialmente contabilizados", ocupados e inativos disponíveis, fala-se de mais de um milhão e cem mil pessoas. ■ **M.R.**

# O PS TEM CONSEGUIDO CORPORIZAR O VOTO DE ALTERNATIVA

António Costa fala da Europa, da crise, da Grécia, da Alemanha e da atitude do Governo português nestes tempos decisivos. Diz o que pensa de Portugal e da nossa situação política, económica e social. Numa entrevista conduzida pelos jornalistas Maria Elisa e Vicente Jorge Silva para o "Acção Socialista", o secretário-geral avalia o que têm feito o Presidente da República e o Governo. Fala do PS, do seu passado recente, dos seus objetivos, das suas propostas e dos seus calendários. Reflete sobre a política, a responsabilidade dos líderes, a construção de alternativas e a necessidade imperiosa de confiança. Responde a perguntas sobre o seu percurso pessoal e político: líder parlamentar, Ministro, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Fala do passado e dos seus erros como lição para o futuro, mas fala sobretudo do futuro como saída e alternativa ao triste presente que temos vivido.

**ENTREVISTA MARIA ELISA / VICENTE JORGE SILVA**  
**FOTOGRAFIA CLARA AZEVEDO**

**Vamos começar pela Europa. Assistimos à vitória do Syriza, temos o Podemos a crescer em Espanha e o movimento 5 Estrelas em Itália. Como explica que este fenómeno não seja também replicado em Portugal?**

Existem vários fatores e todos eles distintos. Há um problema geral de esvaziamento de alternativas entre os partidos políticos tradicionais. A melhor explicação do que está a acontecer neste particular é o que se passa na Grécia. Ao contrário do que acontece em Portugal, houve uma grande coligação, um superbloco central, que canalizou obviamente as alternativas, à direita, para o Aurora Dourada, e, à esquerda, para o Syriza. Cenário que, aliás, tem estado a repetir-se em outros países da Europa. A situação do crescimento de movimentos inorgâni-

cos como em França com a Marine Le Pen é dramática.

**Mas em Espanha temos alternativas, como o PP e o PSOE como aliás também temos em Portugal. Como é que lá nasce um movimento com esta amplitude como o Podemos e nós aqui é como se fossemos mais acomodados, mais tristes e mais entregues ao nosso fado?**

Para mim torna-se mais fácil explicar o que se passa em Portugal. O PS tem conseguido corporizar e consolidar esse voto de alternativa. Porventura estaremos a viver uma situação em contraciclo com outros movimentos alternativos que existem. Se estivéssemos em 1999, quando o Bloco de Esquerda emergiu com grande força, a situação hoje certamente seria diferente.

**Mas em Espanha o PSOE, segundo as sondagens, não está a conseguir os mesmos objetivos que o PS em Portugal.**

O calendário político em Espanha vai ainda ser marcado pelas eleições municipais e autonómicas. São eleições em que o PSOE terá boas condições para se conseguir afirmar.

Mas há um problema político central na Europa que é este sistema político europeu que tem vindo a esgotar as oportunidades de alternativa. E aquilo que as pessoas sentem é a necessidade de alternativa.

Este debate a propósito da Grécia pode ser um grande teste à capacidade da União Europeia para que, no seu seio, seja possível afirmar uma alternativa. Mas não podemos ter uma moeda única que implique uma política única. Isso seria coartar a pos-







sibilidade da existência de políticas alternativas democráticas no quadro europeu.

**Não acha que existe uma degradação e até uma desintegração, nomeadamente dos partidos socialistas e sociais-democratas europeus?**

Hoje temos governos de coligação na maioria dos países europeus. No Parlamento Europeu, nenhum grupo tem maioria. Na Comissão Europeia, temos comissários indicados por governos de esquerda e de direita que formam eles próprios uma coligação. E temos regras comuns aplicadas ao conjunto da Europa. Este é um quadro institucional que obviamente dificulta a construção de alternativas.

Apesar de tudo, desde as eleições europeias, é possível identificar alguns passos de mudança e todos vindos da família socialista. Hoje, damos uma nova atenção à importância estratégica do investimento, que não existia no mandato anterior, e que foi, aliás, uma das condições para a viabilização da Comissão Juncker.

O objetivo de termos uma leitura flexível e inteligente do Tratado Orçamental foi também um contributo da família socialista, assim como o enorme contributo que demos para que o Banco Central Europeu tivesse uma nova postura relativamente à política monetária.

**Desde a emergência do chamado neoliberalismo, com Margaret Thatcher e Ronald Reagan, que os partidos socialistas têm vindo a aceitar esse pensamento único, mostrando dificuldade em apresentar as suas próprias alternativas. Concorda?**

Se hoje formos reler a proposta da Agenda de Lisboa, aprovada na Presidência portuguesa em 2000, temos lá tudo o que devia ser o programa da social-democracia e do socialismo democrático do século XXI.

Infelizmente, a Agenda de Lisboa esgotou o ciclo político em que os governos socialistas eram majoritários na Europa, dando lugar a esta vaga em que a direita é dominante.

**Perante o bloqueio e a inflexibilidade alemã, não vemos da parte de quem discorda um sobressalto para se perceber como é que vamos sair desta situação.**

Estou de acordo. Falta esse sobressalto. Mas esta crise é muito

mais grave do que uma crise da União Económica e Monetária. O que esta crise veio revelar é que há, no conjunto da Europa, fraturas culturais e preconceitos que são verdadeiramente dramáticos. Quando ouvimos o senhor Wolfgang Schäuble, referir-se aos povos do sul em geral e aos gregos em particular ou o que verdadeiramente no Sul se sente em relação aos alemães, nós percebemos que há muito mais divisões na Europa do que nós imaginávamos depois destas décadas de UE.

Tratar o problema da Grécia como um problema de contabilidade de dívida é ignorar completamente quer as raízes da nossa civilização quer a posição geoestratégica fundamental que a Grécia tem no Mediterrâneo. É um erro trágico que Portugal e outros países insistam em fazer uma espécie de

ziagem que, para que uma moeda fosse comum, seria necessário termos um orçamento comunitário que tivesse entre os quatro e os sete por cento do PIB da UE. Nos Estados Unidos, é de cerca de 15% do produto federal. Na UE é apenas de 1%.

**Uma das críticas que lhe fazem, enquanto líder do PS, é que se conhece muito pouco do seu pensamento sobre as coisas imediatas que afligem a sociedade portuguesa. O que vai fazer de diferente?**

Desde que Mário Soares fundou o PS, temos sido sempre coerentes com as políticas que defendemos. Nós não fazemos cortes existenciais cada vez que há uma mudança de liderança. Cada líder do PS tem sabido, melhor ou pior, assumir todo o balanço positivo e todo o passivo que o PS produziu ao longo destes 40 anos.

**“Não podemos ter uma moeda única que implique uma política única”**

**“A coisa mais crítica na relação com os cidadãos, pior que a situação económica, é a questão da confiança na política e nos políticos”**

concurso para ver quem é menos grego

**É quase como se o Presidente Obama percebesse melhor que os próprios europeus o perigo que a Europa corre.**

Não tenhamos dúvidas. O Presidente Obama tem aliás percebido várias outras coisas muito melhor. Por exemplo, como se deve responder à crise económica e ao problema da questão grega. E isso é que é assustador.

A Europa enfrenta um desafio terrorista dentro das suas fronteiras, assim como uma pressão brutal também nas suas fronteiras externas do leste e do sul, pelo que não se percebe como se insiste em não valorizar a posição fundamental geoestratégica que a Grécia ocupa neste contexto.

**Houve uma falha na construção da moeda única, cujas consequências estamos ainda a sofrer?**

Sim, penso que houve. É muito curioso ver que todos os estudos anteriores à criação do euro di-

**O Governo Sócrates está muito associado ao facto de ter recorrido ao resgate externo. Como é que garante aos portugueses que a situação não se repetirá?**

As diferenças não se dizem: as pessoas ou são diferentes ou não. Há uma coisa que não renego. Fiz parte desse Governo entre 2005 e 2007 e não esqueço que ele deixou marcas muito positivas na sociedade portuguesa. Nas reformas do Estado, designadamente no Simplex, nas políticas sociais, com a maior redução da pobreza em particular junto da população idosa, graças ao complemento social para idosos. Foi um Governo que teve uma visão estratégica muito correta em dar prioridade a tudo o que teve a ver com a formação de adultos, com o investimento em Ciência, em eficiência energética, marcas muito positivas de toda essa ação governativa.

Ora, há dados que convém não ignorar. O défice mais baixo de toda a democracia deu-se com o

primeiro governo de José Sócrates em 2007. Quando a crise se iniciou, em 2008, Portugal tinha uma dívida inferior à média da UE. E, em 2011, a dívida portuguesa era de 97% do PIB e hoje é de 128%. Em 2009, durante a presidência francesa do senhor Sarkozy, a UE decidiu que, para responder à crise e evitar uma grande recessão, era necessário um grande esforço de investimento público em ferrovias, energias alternativas ou em construção civil, de forma a contrariar o perigo de recessão. E os governos alinharam nesse sentido.

**Mas o resgate teve de ser negociado pelo PS.**

Foi por todos. Temos de nos concentrar em resolver os problemas estruturais da nossa competitividade que não vão com um choque de empobrecimento mas com um choque de qualificação. A nossa competitividade exige um choque que é de qualificação e não um choque de empobrecimento.

**Mas há os problemas que reclamam rápida resolução. O país quer saber o que o António Costa e o PS vão propor de imediato e quais os alvos concretos que se propõem atacar.**

Não faremos promessas que não possamos concretizar. Para além da Agenda para a Década, temos o Programa de Recuperação Económica e Social. Defendemos que depois do programa de ajustamento é necessário fazermos a fisioterapia que nos permita recuperar a nossa autonomia. Esta iniciativa tem uma dimensão europeia e outra nacional. Na dimensão nacional, damos prioridade à mobilização dos fundos comunitários. Estes fundos são fundamentais para a atividade económica. Em segundo lugar, a capitalização das empresas, porque não basta os bancos terem liquidez para poderem emprestar, é também necessário que as empresas tenham condições para poderem mobilizar esses recursos. E, para isso, já dissemos que, desde a reorientação do capital disponível dos visto gold às verbas existentes de fundos comunitários e outros, devem ser encaminhados para um fundo de capitalização que permita reforçar o capital das empresas criando condições para investir.

Em terceiro lugar, políticas ativas de emprego dirigidas para os dois domínios prioritários: por um lado, para a contratação de jovens qualificados, sobretudo

para as empresas exportadoras, e, por outro lado, um programa dirigido para os desempregados de longa duração, para a minha geração, que têm menos qualificações mas que estão no mercado de trabalho. A estas medidas teremos que juntar um grande programa de reabilitação urbana, para o qual há verbas comunitárias disponíveis, a propósito da eficiência energética.

Finalmente, a nossa proposta passa também por um programa nacional de combate à pobreza infantil e juvenil.

Como é óbvio, nós não vamos chegar às próximas eleições sem Programa de Governo. Para a próxima primavera, está agendada uma Convenção Nacional onde

**Mas as sondagens dizem que o PS cristalizou nos 38%. Parece uma fronteira inultrapassável.**

Quanto ao facto de o PS estar consolidado na casa dos tais 38%, é preciso sublinhar que, apesar de tudo, são sete pontos acima do último resultado eleitoral que o PS obteve. E são 12 pontos à frente do segundo partido e seis pontos à frente da coligação governamental da direita. Estamos, neste momento, a uma distância bastante razoável das eleições legislativas. Há uma contradição insanável entre a ansiedade dos portugueses de quererem uma mudança já e esta lenta agonia em que o Presidente da Repúbli-

ver com a estabilização dos rendimentos, nomeadamente dos reformados e dos rendimentos mais baixos, designadamente do aumento do salário mínimo, que entretanto ocorreu numa primeira fase e que tem de ter continuidade. Um dos grandes fatores de estagnação da nossa economia é o baixo nível de expectativas e confiança no futuro.

**Os partidos do Governo vão recorrer à artilharia pesada no chamado “caso Sócrates” para atingir o PS. Você não desvaloriza esta questão delicada, pois não?**

Claro que não. Esta é uma das situações mais delicadas e pungentes que se podem viver na

exercer pelas funções institucionais que detenho.

**O que é que a sua atividade enquanto Presidente da Câmara de Lisboa lhe deu de útil para a possibilidade de ser Primeiro-ministro?**

Deu-me uma coisa muito importante que é a compreensão do que é governar em proximidade com as pessoas, na gestão quotidiana daquilo que são os interesses contraditórios permanentes de que a cidade se faz.

**Continua contente com as alterações ao trânsito no Marques do Pombal?**

Os resultados são francamente positivos perante o objetivo

escondo que ser Presidente de Câmara é, até hoje, a experiência mais gratificante.

**Qual é a exceção?**

A exceção é ter sido líder parlamentar.

**Porquê?**

Eu valorizo muito a função central do Parlamento na vida democrática. Mas gosto de fazer coisas. Cada um tem jeito para o que tem e valoriza-se mais naquilo que gosta muito de fazer. Há pessoas que se realizam no romance, outras na poesia, e há quem se realize mais em funções parlamentares e outros em funções executivas, como é o meu caso.

**Se chegar a Primeiro-ministro, tanto quanto sabemos, será o primeiro Chefe do Governo educado por uma feminista. Quais as marcas que este facto lhe deixou?**

Não sou o melhor juiz em causa própria. No entanto, admito que tenha dado, por esse facto, uma atenção particular e diferente a temas como a paridade, a conciliação entre a vida familiar e profissional, designadamente ao nível das políticas da cidade, à problemática da violência doméstica, entre outros temas. Mas eu não sou a pessoa mais adequada para avaliar essa influência.

**Quanto às presidenciais, António Guterres ainda não se decidiu se vai ou não candidatar-se e a sensação que se tem é que o PS corre o risco de ficar refém de uma candidatura que não será tão obviamente vencedora. O que acha deste cenário?**

O PS nunca escolheu Presidentes da República, apoiou candidatos a Belém. O que é fundamental para as pessoas serem candidatas é quererem ser candidatas. Acho que o país sente falta de se rever em Presidentes da República como aqueles que elegeu com o apoio do PS. ■

**AGRADECIMENTO**

Agradecemos à Maria Elisa e ao Vicente Jorge Silva terem aceitado o convite para conduzirem a entrevista e o terem encarado como um desafio inesperado e interessante a juntar a tantos outros das suas longas e bem-sucedidas carreiras de jornalistas. Um agradecimento é também devido à fotógrafa Clara Azevedo.

**“Os portugueses têm enorme vontade e expectativa de mudança, que não pode ser defraudada”**

**“O Governo não tem mais nada a dizer”**



ele será aprovado.

Os portugueses têm hoje uma enorme vontade e expectativa em relação à mudança. E a coisa mais crítica na relação com os cidadãos, pior que a situação económica, é a questão da confiança na política e nos políticos. E esse é um capital precioso, mas frágil, e que dificilmente se recupera. Os portugueses têm enorme vontade de mudança que não pode ser defraudada.

**As eleições primárias revelaram uma grande simpatia do povo português pelo PS e por si em particular. É natural que haja uma grande expectativa em relação ao que pensa e propõe.**

Eu procurarei corresponder às expectativas criadas. Só lembro que não há expectativa em relação aos partidos da maioria que apoiam o Governo.

ca lançou o país, que transformou as próximas legislativas numa maratona.

**Está desiludido com a atuação do Presidente da República?**

Eu acho que o Presidente da República não tem lido bem os sinais do país e, por isso, se vive numa certa paralisia. O Governo não tem mais nada a dizer. Tinha um programa que era o programa da troica, não tinha programa para depois da troica, continua a não ter, enquanto a oposição está tolhida porque não pode fazer mais do que oposição. E as pessoas querem de facto mudança.

**Quando falou das várias componentes do programa de recuperação, não falou dos reformados, da população mais idosa.**

No quadro daquele enunciado que fiz há pouco, há uma questão muito importante que tem a

vida política e pessoal. E isto porque há uma contradição entre o que são os sentimentos pessoais e aquilo que deve ser a atitude institucional. Eu acho que o PS tem tido uma maturidade cívica e institucional digna de louvor e que é exemplar.

**Mas existem declarações de algumas personalidades do partido sobre o “caso Sócrates” como, por exemplo, Mário Soares...**

O PS é um partido de liberdade, nunca se viu no PS a tentativa de impor a alguém algum tipo de comportamento. Por isso, todos os militantes do PS, enquanto cidadãos, são absolutamente livres de fazerem, pensarem aquilo que bem entenderem. Já outra questão é a posição institucional do PS. Se não fosse secretário-geral, eu teria outra liberdade que entendo não dever

central que era a redução da poluição ambiental através da diminuição do tráfego. É preciso lembrar que estamos a falar do eixo mais bem servido por transportes públicos na cidade. Portugal foi condenado no Tribunal de Justiça da UE por violação dos limites de poluição e de qualidade do ar na Av. da Liberdade. Estamos a falar de uma multa no valor de um milhão e novecentos mil euros por cada dia em que não cumpra as limitações das emissões. É preciso realçar que a qualidade do ar é vital para a qualidade de vida e para a saúde pública. Isto é tão grave como as lixeiras a céu aberto.

**Gostou mais de ser Ministro ou Presidente de Câmara?**

Eu tenho tido a sorte de gostar de tudo o que tenho feito na política, com uma exceção. Mas não



## ENCONTRO PS-PSOE EM BADAJOZ

# ANTÓNIO COSTA ALERTA QUE AUSTERIDADE ESTÁ A MATAR PROJETO EUROPEU

“A austeridade está a matar o projeto político que é a Europa”, afirmou António Costa, no encerramento do encontro que juntou em Badajoz cerca de 1500 militantes e simpatizantes do PS e do PSOE, onde reiterou que o euro tem de ser uma moeda que “dê resultados positivos para todos”.

“**TRINTA ANOS** depois (da assinatura da adesão de Portugal e Espanha à então CEE), nós sentimos que a política que é hoje dominante na Europa está a matar a confiança dos nossos cidadãos pelo projeto europeu. A austeridade está a matar o projeto político que é a Europa”, afirmou o secretário-geral do PS, que aproveitou o palco espanhol para lançar fortes e contundentes críticas à política dominante no espaço europeu. Sublinhou a necessidade de uma mudança na União Europeia que rompa com o dogma da austeridade. “Não é resposta na Grécia, não é resposta em Espanha, não é resposta em Portugal, não é resposta em Itália, não é resposta em França, não é resposta em sítio nenhum e é por isso que temos que mudar”. E acrescentou que “só haverá mudança a sério na Europa” quando houver mais governos liderados pelos socialistas. Na sua intervenção, António Costa fez questão de realçar que a situação na Grécia diz respeito a todos os países da zona euro. “Não há um problema grego, há um problema europeu, um problema comum a todos nós, em conjunto, temos que resolver”, disse. O líder do PS afirmou que o euro não está a servir de igual forma os países que o integram. “O

euro não pode ser só uma moeda comum, tem que ser uma moeda que dê resultados positivos para todos e não seja uma moeda que contribuiu só para o desenvolvimento de cinco países e dificulta a competitividade e o crescimento em todos os outros países. O euro tem de ser uma moeda acompanhada por mais coesão, por mais convergência económica”. Por outro lado, António Costa realçou a importância de uma futura ligação ferroviária entre Sines e Badajoz. “Badajoz não está no interior, não. Badajoz está a meio caminho entre o mediterrâneo e o atlântico, mas para que isto seja verdade é necessário que entre Badajoz e o nosso porto de Sines exista uma ligação ferroviária para mercadorias, que permita

uma boa ligação de Badajoz ao mundo”. Para o líder do PS, com o fim das fronteiras, surgiu uma “oportunidade única” para que Portugal e Espanha possam desenvolver um trabalho em comum, dando como exemplo o Alentejo e a Extremadura espanhola. António Costa quer que estas duas regiões “deixem de ser interior” e passem a ser uma “plataforma comum” no centro da Península Ibérica e uma “plataforma comum de desenvolvimento, prosperidade e criação de riqueza”. No final da sua intervenção, o secretário-geral afirmou: “Nós somos a mudança. Juntos vamos fazer a mudança. Juntos fá-la-emos”.

### Contra o “austericídio”

Afinando pelo mesmo diapásão de críticas ao rumo da Europa, o líder do PSOE sublinhou que em Espanha “há fome de mudança”. Criticando aquilo que chamou de “austericídio”, ou seja, as políticas que assentam na receita da austeridade, Pedro Sánchez defendeu que é preciso “uma recuperação justa que reúna mercado e democracia, competitividade e direitos laborais, crescimento e economia social. Uma economia expansiva contra o ‘austericídio’ e a favor do desenvolvimento sustentável”. ■ **J. C. C. B.**

### ANTÓNIO COSTA

“Só haverá mudança a sério na Europa quando houver mudança nos governos de direita”

“O euro tem de ser uma moeda para todos”

## UM PAÍS SILENCIOSO

FRANCISCO SEIXAS DA COSTA



“ A política externa parece estar hoje resumida à organização de caravanas ministeriais, entre aeroportos e salas douradas, com a assinatura de protocolos para uso das televisões

Portugal vive, nos últimos anos, sob uma deliberada omissão no plano internacional. Tendo comprado, com patético entusiasmo, a narrativa de quem tutelou o seu ajustamento, interiorizando que precisava de espiar uma culpa por mau comportamento, o país oficial anulou-se por completo na ordem externa, temeroso em poder emitir a menor opinião quer pudesse estar em dessintonia com “his master’s voice”. A política externa parece estar hoje resumida à organização de caravanas ministeriais, entre aeroportos e salas douradas, com a assinatura de protocolos para uso das televisões. O Governo corre atrás do esforço denodado das empresas para encontrarem novos mercados e tenta ser passageiro frequente junto de quem preferiria que os isentassem de cargas fiscais, de custos energéticos, lhes estimulasse a economia ou lhes garantisse um acompanhamento político em situações de impasse – como e hoje gravíssimo caso das relações económicas com Angola.

Esse tempo surpreendente de abstenção diplomática foi há dias interrompido por declarações críticas oficiais, colocando o governo de um país amigo e aliado no pelourinho político, num ato de deselegância sem precedentes na nossa história diplomática. Assumindo uma espécie de “síndrome de Estocolmo”, que soa a tropismo sadomasoquista, vimos os mais altos responsáveis do Estado sublinharem a bondade do um programa de ajustamento cujo exagero se abateu sobre o país, com efeitos negativos que hoje são reconhecidos um pouco por todo o mundo, exceto pelos padrões internacionais da austeridade, que levam em juro aquilo que o crescimento da nossa dívida bem reflete.

Estes quatro anos são um interlúdio triste na história diplomática de um país que se acostumou a ter uma voz audível nas questões centrais europeias, que era conhecido pelo seu equilíbrio opinativo face a situações de conflito, que se havia destacado como um dos mais operativos amigos da África à escala global, que criara uma sólida relação com os países árabes, cuja participação em operações de paz muito prestigiou as nossas Forças Armadas, que se habituou a ter iniciativas e políticas para o mundo lusófono e latino-americano.

Há que recuperar o lugar de Portugal. ■

## SEM INVESTIMENTO NÃO HÁ CRESCIMENTO

PEDRO NUNO SANTOS



“ O Partido Socialista apresentou no passado dia 18, no Parlamento, um conjunto de seis propostas que nos permitiram sinalizar a prioridade que queremos dar à promoção do investimento mas também dar exemplos concretos do que pode ser feito

**S**em investimento qualquer economia acaba por definhar. É, simplesmente, impossível crescer. Infelizmente, a situação portuguesa é catastrófica. Depois de uma queda acumulada de 30% entre 2011 e 2013 o investimento subirá apenas 1% em 2014, para voltar a cair 2,2% em 2015. É pelo menos estes os números que resultam do inquérito de conjuntura ao investimento, feito pelo INE junto das empresas portuguesas. Pior era impossível, o peso do investimento no PIB – 15,8% no terceiro trimestre de 2014 - está nos níveis mais baixos, pelo menos, desde 1960. O Partido Socialista apresentou no passado dia 18, no parlamento, um conjunto de seis propostas que nos permitiram sinalizar a prioridade que queremos dar à promoção do investimento mas também dar exemplos concretos do que pode ser feito.

Em primeiro lugar, defendemos a criação de um Fundo de Capitalização, gerido por uma entidade pública, que permita dar resposta a um dos principais bloqueios ao investimento privado: o elevado endividamento das nossas empresas. Muitas empresas claramente viáveis estão impedidas de investir por apresentarem rácios de autonomia financeira muito baixos. Não só não conseguem aceder a crédito bancário como acabam por não conseguir concorrer a fundos comunitários. Este fundo ajudaria a desbloquear este problema. Por outro lado, não há nenhuma razão para que uma empresa tenha mais vantagens fiscais se recorrer a um empréstimo bancário do que a fundos de acionistas para reforço dos capitais próprios da empresa. Por essa razão defendemos a neutralidade fiscal entre capitais alheios e capitais próprios.

Em segundo lugar, propomos um conjunto de alterações aos regulamentos do novo quadro comunitário para os tornar menos restritivos. O momento atual de crise económica e de dificuldades de financiamento e capitalização das empresas portuguesas exige que as regras sejam menos restritivas do que as previstas pelo atual governo. Diminuir entraves a uma boa execução dos fundos é também uma forma de aumentar as oportunidades de investimento.

Em terceiro lugar, propomos a diversificação das aplicações do Fundo de Estabilização da Segurança Social mobilizando uma parte - não superior a 10% - para a aquisição e reabilitação de fogos devolutos. Esta medida, implementada de forma a ser vantajosa para o Fundo de Estabilização, permitiria aumentar o investimento num segmento do sector da construção com baixo conteúdo importado e, através do aumento do emprego, aumentar a procura – essencial para o crescimento do investimento privado. Estas medidas podem ser implementadas sem grandes custos orçamentais, exigem apenas que se perceba e reconheça o papel do Estado não só na promoção do investimento público mas também do investimento privado. ■



## ANTÓNIO COSTA EM MADRID GOVERNO COMPORTA-SE COMO CAMPEÃO DO AGRAVAMENTO DA AGONIA GREGA

**EM VEZ** de aproveitar a flexibilização dada à Grécia para beneficiar os portugueses e a economia portuguesa, o Governo de direita prefere agravar a “austeridade dos outros”, denunciou o secretário-geral do PS, António Costa, à saída de uma conferência de líderes socialistas europeus em Madrid. “Qualquer português fica perplexo quando vê as notícias no final do Eurogrupo e percebe que o Governo português, em vez de querer que os portugueses e a economia portuguesa beneficiem da flexibilidade da austeridade, quer aumentar a agonia da austeridade dos outros”, disse o líder do PS para quem “isto é completamente absurdo”.

De acordo com António Costa, “o Conselho Europeu demonstrou que o voto faz sentido porque depois de várias semanas de ameaças e posições como a do Governo português, de que a Grécia teria de servir como vacina para a imutabilidade, a resposta do Eurogrupo acabou por ser distinta e foi possível criar um espaço para a negociação”. Os líderes socialistas que se reuniram na capital espanhola convergiram na ideia de que as políticas de austeridade falharam e que é preciso flexibilizar as medidas. O secretário-geral do PS lamentou que o Executivo português se tenha comportado como “o campeão do agravar da agonia da austeridade

grega”, sendo que os pequenos sinais de crescimento em Portugal, no ano passado, se deveram a razões externas ao Governo, como as decisões do Tribunal Constitucional, que aliviaram os cortes nas pensões e nos salários dos funcionários públicos.

A conferência de líderes do Partido Socialista Europeu contou com a presença dos primeiros-ministros de França, da Roménia, da Suécia, bem como o vice-chanceler da Alemanha com a pasta da Economia e líder do SPD, Sigmar Gabriel, o presidente do Partido Socialista Europeu, Sergei Stanishev, e o presidente do Parlamento Europeu, Martin Schulz. ■

## A CRISE NÃO ESTÁ ULTRAPASSADA

Em Cascais, na conferência promovida pela revista britânica The Economist, António Costa reafirmou que Portugal está hoje pior do que no início do ajustamento.

**A CRISE** em que o país está mergulhado não está superada, “longe disso”, disse o líder do PS, defendendo que Portugal tem de “romper” com as tentações de achar que tudo se resolve por artes mágicas ou através de miríficos choques fiscais ou tecnológicos. Para o líder do PS, o país enfrenta um “problema estrutural” profundo não havendo lugar nem a “milagres nem a atos de magia”.

Na sua intervenção António Costa enumerou um conjunto de elementos capazes de ajudar a alterar a conjuntura e a contribuir para a recuperação da economia e para o aumento da competitividade, sustentando que “depois de uma cirurgia é necessário um programa de fisioterapia”, que permita reconstruir o “músculo empresarial e recuperar emprego”. Recusou qualquer mérito ao

Governo pela descida das taxas de juro ou pela diminuição de dívida, nem tão pouco em relação à melhoria das condições económicas para o seu pagamento, alertando que tal resulta “em exclusivo” da liquidez existente no mercado global e do indispensável contributo dado pelo Banco Central Europeu ao oferecer as necessárias garantias, algo que “não deu quando a crise das dívidas surgiu”. ■



REUNIÃO PES

# ANTÓNIO COSTA QUER RESPOSTA POSITIVA PARA CATÁSTROFE PÓS-AJUSTAMENTO

O secretário-geral do PS, António Costa, garantiu, em Bruxelas, que subscreveria a carta aberta sobre a Grécia dirigida por 32 figuras públicas ao primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, por considerar que isolar a Grécia é “uma ideia errada” na qual o Governo português tem “persistido”.

**À SAÍDA** de uma reunião de líderes dos Socialistas Europeus, no dia 12 de fevereiro, que antecedeu o Conselho Europeu, o secretário-geral do PS considerou “fundamental que não se isole a Grécia”. Sobre Portugal, declarou que “a pobreza atingiu níveis insustentáveis e precisa de resposta”, defendendo “um programa de fisioterapia para recuperar do trauma do ajustamento”. “Depois de três anos de experiência, há um resultado muito claro: a austeridade fracassou do ponto de vista político e fracassou do ponto de vista económico. Do ponto de vista económico, gerou deflação e gerou desemprego; e do ponto de vista político, só tem vindo a fortalecer os radicalismos”, observou.

António Costa disse que se devia “recentrar” o debate em curso e “evitar confrontação”. “Não há uma questão grega. Há uma questão europeia que deve ter uma resposta europeia, e essa resposta deve-se centrar, em primeiro lugar, numa resposta positiva às situações de catástrofe social que se vivem em vários países, e em particular nos países sujeitos ao ajustamento, como acontece na Grécia, como acontece em Portugal, como acontece em Espanha”, disse, e que exigem como respostas imediatas “um programa de resposta à crise social e um programa de recuperação económica”. Perspetivando as discussões que prosseguirão em torno da Grécia, reforçou que

é errado o caminho que tem sido seguido, de isolar Atenas desde a tomada de posse do novo governo de Alexis Tsipras, até porque a Grécia é “um país fundamental do ponto de vista geoestratégico, um dos grandes pilares da NATO, numa região onde a Europa não pode ignorar a sua enorme sensibilidade”. “O conflito na Ucrânia e a si-

tuação no Médio Oriente exigem um reforço da coesão europeia, exigem uma Grécia de pleno direito na UE”, defendeu. Destaque-se que as reuniões preparatórias que o Partido Socialista Europeu (PES, na sigla em inglês) realiza nos dias dos Conselhos Europeus são habitualmente reservadas a líderes socialistas com cargos executivos – como

chefes de Estado e/ou de Governo e comissários europeus pertencentes à família política socialista –, tendo António Costa recebido um convite para integrar os trabalhos, menos de três meses depois de assumir a liderança do PS, e enquanto líder da oposição. Esta será assim a primeira vez, desde que foi eleito secretário-geral do PS, em novembro passado, que António Costa participa numa reunião ao mais alto nível dos Socialistas Europeus, antes de um Conselho Europeu dominado pelo combate ao terrorismo, pela situação na Ucrânia e também pela Grécia, na sequência da subida do Syriza ao poder e da intenção do novo governo grego de renegociar a sua dívida. ■ **M.R.**

“Há uma questão europeia que deve ter uma resposta europeia, e essa resposta deve-se centrar, em primeiro lugar, numa resposta positiva às situações de catástrofe social que se vivem em vários países, e em particular nos países sujeitos ao ajustamento”

MEDEIROS FERREIRA  
**ACADÉMICO  
 BRILHANTE  
 E POLÍTICO  
 VISIONÁRIO**

CARLOS CÉSAR



“ Conheci e testemunhei algumas das qualidades superiores de Medeiros Ferreira: líder juvenil, historiador emérito, académico reconhecido, pedagogo, observador perspicaz do quotidiano como do prospectivo, governante recordado pelas melhores razões, político respeitado, diplomata

A realização da conferência evocativa da figura de José Medeiros Ferreira, que reuniu dezenas de oradores admiradores e amigos, constituiu uma iniciativa de justo reconhecimento de um dos mais ilustres portugueses contemporâneos.

Conheci e testemunhei algumas das qualidades superiores de Medeiros Ferreira: líder juvenil, historiador emérito, académico reconhecido, pedagogo, observador perspicaz do quotidiano como do prospectivo, governante recordado pelas melhores razões, político respeitado, diplomata. Diplomata que não se desencontrou nas transigências do tacticismo nem se esqueceu no exercício dos formalismos instituídos.

Foi um socialista e um político influente, muito para além dos períodos em que desempenhou funções institucionais e ou partidárias. Usou do poder da palavra com eficiência pouco comum. Compatibilizou o contraditório, ao usar as omissões e os silêncios com grande positividade. Há, como ele próprio dizia, entre outros elementos-base que moldaram animicamente o seu crescimento intelectual, um que é a condição geográfica em que nasceu e atingiu a idade da razão. A Açorianidade impele à questionação do horizonte. Dito de outra forma: a personalidade de José Medeiros Ferreira é, como aludia Nemésio, sem dúvida, filha da Geografia.

Esse desejo de um novo e arejado horizonte impeliu-o, quando jovem estudante universitário, à rebelião contra a claustrofobia mental e intelectual vigente no seu curso, na política e no país. No ambiente de há 55 anos, “faltava-lhe o ar”... Com mais alguns anos de experiência e de vivência fora de portas, cedo concluiu que as “liberdades públicas” são o maior de todos os bens. E cedo considerou como sua missão política “tirar Portugal do pântano onde a ditadura o tinha colocado”, como disse numa entrevista em 2011.

Essa missão passava pela correta inserção de Portugal no tablado internacional. Por isso, envolveu-se, ainda em 1976, na nossa entrada no Conselho da Europa, o “notariado das democracias”. Empenhou-se no pedido de adesão à CEE, na criação de um “espaço de solidariedade entre países europeus e africanos” e, sucessivamente, na qualificação da nossa condição atlântica.

Do seu exílio político enunciou, na mensagem que remeteu ao Congresso Republicano de Aveiro em 1973, a trilogia programática que havia de pontuar o programa do MFA e moldar o regime democrático - Democratizar, Descolonizar, Desenvolver.

Há, pois, uma coerência no pensamento e pulsões de Medeiros Ferreira ao longo dos tempos: o de que um Portugal livre e democrático, europeu e atlântico, cosmopolita, é “o” Portugal apto perante os desafios. É, pois, desse português, ancorado na geografia da sua História, mas livre, perscrutador e inconformado que nós, socialistas portugueses, nos podemos e devemos orgulhar. ■



## HOMENAGEM A MEDEIROS FERREIRA **PENSADOR LIVRE E AUTÓNOMO**

O auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian foi pequeno para receber, durante dois dias, todos os que quiseram estar presentes na homenagem a José Medeiros Ferreira.

**HOMEM ADVERSO** a dogmas e a lugares-comuns, distinguiu-se como dirigente estudantil nas lutas da década de 60, opositor ao regime do Estado Novo, o que lhe valeu o exílio, combatente político em múltiplos fóruns, na Assembleia da República, no Parlamento Europeu, no Governo, na vida académica e no espaço comunicacional, público e virtual.

Socialista, académico e historiador, nos múltiplos campos do seu multifacetado percurso, José Medeiros Ferreira,

açoriano e europeu atlantista, sempre demonstrou possuir uma rara capacidade de pensador livre, um grande amor à liberdade e a Portugal.

Como salientou na sua intervenção o presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro, depois de sublinhar “a sua condição de ilhéu e açoriano”, lembrou que “Açores e Portugal são devedores do contributo de José Medeiros Ferreira para o necessário consenso sobre a autonomia regional, enquanto projeto político que promove o desenvol-

vimento e o progresso de um povo e que, simultaneamente, rejeita a querela estéril e a divisão artificial do país”.

Académico brilhante, político visionário, observador atento, crítico frontal, comentador irreverente, irónico, determinado e com um sentido de humor único, mas acima de tudo um homem livre, foram vários os adjetivos e predicados com que os muitos participantes definiram a riqueza da personalidade de José Medeiros Ferreira, falecido a 18 de março de 2014. ■ R.S.A.



## MORTE DE ANTÓNIO SOUSA GOMES

**O PARTIDO SOCIALISTA** e o seu secretário-geral, António Costa, manifestam o seu profundo pesar pela morte de António Sousa Gomes, militante e ex-dirigente do nosso partido. “Sousa Gomes foi um destacado político e gestor, deixando um traço de extrema competência e probidade em todos os cargos desempenhados, seja como ministro do Pla-

no e Coordenação Económica, da Indústria e das Obras Públicas e Habitação dos dois primeiros Governos constitucionais (liderados por Mário Soares), seja como deputado, seja como gestor público de topo, com destaque para as suas passagens pelo IPE, pela EGF ou pela Cimpor”, lê-se numa nota de imprensa do PS. “Ao longo da sua carreira de

serviço público deu relevantes contributos para as estratégias de desenvolvimento nacional e defendeu, com frequência, propostas de medidas para melhorar e fazer crescer a economia portuguesa”, referem ainda o PS e o seu secretário-geral, que apresentam as mais sentidas condolências à família de António Sousa Gomes. ■



## 50 ANOS DO ASSASSÍNIO DE HUMBERTO DELGADO O GENERAL QUE DESAFIOU SALAZAR

A Câmara Municipal de Lisboa assinalou no dia 13 de fevereiro, no Cinema São Jorge, a passagem dos 50 anos sobre o assassinio do "General Sem Medo", Humberto Delgado, por uma brigada da PIDE, na chamada "Operação Outono" que ficou para a História como um dos atos mais hediondos da ditadura do Estado Novo.

**NA CERIMÓNIA** pública que contou também com as intervenções de Helena Roseta e Irene Pimentel, o presidente da Câmara de Lisboa, António Costa, destacou o legado de Humberto Delgado ao fundar a TAP. "A importância desse grande legado que ainda hoje é o património do país, e que é a TAP, a companhia aérea nacional, e a visão que há 70 anos atrás levou o general Humberto Delgado, então diretor-geral da Aeronáutica Civil, a empreender a criação desta companhia como grande forma e instrumento de articulação de Portugal com o mundo é a visão que sustenta a TAP ainda hoje como um grande garante da nossa própria soberania nacional", disse António Costa.

O presidente da Câmara de Lisboa leu ainda uma carta que recebeu do presidente da TAP, em que este apoia a iniciativa da autarquia de propor ao Governo a atribuição da designação de Aeroporto Humberto Delgado ao Aeroporto da Portela.

Na sessão foi ainda lançado o livro "Meu Pai, o General Sem Medo", memórias de Iva Delgado. O ator André Gago lerá excertos de cartas de Humberto Delgado à filha, do período

do exílio. Foi também projetado o filme "Operação Outono" de Bruno de Almeida, nome de código da armadilha montada pela PIDE e que levou ao aniquilamento de Humberto Delgado e da sua secretária brasileira Arajaryr de Campos.

Ainda por iniciativa da autarquia alfacinha, foi exibido no Auditório Camões documentário "General sem Medo", de António Cunha. Também o Liceu Camões se associou à evocação, atribuindo o nome do general ao ginásio onde se realizou, no dia 18 de Maio de 1958, um comício de Humberto Delgado, no âmbito da sua candidatura à Presidência da República, e que ficou marcado pela forma brutal como a cavalaria da GNR

dispersou a multidão em frente ao liceu.

Humberto Delgado fica na História de Portugal como o candidato de toda a oposição que nas presidenciais de 1958 ousou desafiar o salazarismo e galvanizou um país de norte a sul, num quase levantamento nacional.

Sete anos depois da sua frase "Obviamente, demito-o", anunciada numa conferência de imprensa no Café Chave de Ouro, era morto numa cilada da PIDE. Nesses sete anos depois da farsa eleitoral de 1958, Humberto Delgado teve de exilar-se no Brasil, Itália, Checoslováquia, França e Argélia, onde conspirou ativa e permanentemente para derrubar a ditadura. ■ **J.C.C.B.**

### ZERO

Este foi o número de iniciativas ou declarações por parte do Governo ou da Presidência da República sobre os 50 anos do assassinio de Humberto Delgado pela polícia política do salazarismo

### "Obviamente, demito-o"

Esta a frase histórica proferida pelo candidato Humberto Delgado, nas presidenciais de 1958, quando lhe perguntaram o que faria a Salazar caso fosse eleito

## EU E O GENERAL HUMBERTO DELGADO

ANTÓNIO ALMEIDA  
SANTOS



“ O susto da candidatura de Delgado, e o facto de depois ter estado por detrás da revolução de Beja, terão estado na origem do projecto de assassiná-lo

**T**ive a honra de representar o general Humberto Delgado na sua campanha eleitoral em Moçambique e de mais tarde ser por ele convidado para o representar no ato eleitoral de Moçambique, munido da necessária procuração forense.

A campanha viria a desenrolar-se em clima de verdadeiro delírio. Em Moçambique, pelo menos no meu tempo, nunca se tinha visto nada assim.

E quando, respondendo à pergunta sobre se ganhasse as eleições, que atitude tomaria em relação a Salazar, respondeu "obviamente demito-o". Ele foi, mais do que nunca, o candidato da esmagadora maioria dos portugueses, descontentes com a prestação política da ditadura do chamado "Estado Novo".

É minha convicção sincera que o Delgado ganhou as eleições em Moçambique, apesar do expurgo a que tinha sido sujeita a atribuição do direito de voto. Retiro esta convicção de um facto bem sintomático: o de que, em todas as mesas de voto em que pudemos contar os votos – e bastantes foram – o general ganhou.

Ganhou, inclusive, no quartel de Boane, situado na periferia de Lourenço Marques, onde votaram só militares, e onde, apesar disso, o general ganhou por um voto.

Mas quem não precisou de contar os votos porque lhe bastou roubá-los foi uma vez mais a ditadura. As ditaduras têm a sua própria aritmética, e Salazar fez uma vez mais uso dela.

Viria eu a conhecer pessoalmente o general Humberto Delgado. Em data que não recordo, noite alta, bateu à minha porta, dizendo: "Embora não pareça, sou o Humberto Delgado".

De facto, não parecia mesmo. Pois não é que me apareceu munido de uma farta cabeleira e de uma barba espessa, duas coisas que o general não tinha?

Mas logo o reconheci. A minha família já dormia. E após uma breve troca de palavras, disse ao que vinha. E vinha para fazer a revolução a partir de Moçambique. Contava com apoios militares e perguntava-me se podia contar comigo e com o grupo dos Democratas de Moçambique.

Felicitei-o pela sua coragem e disse-lhe que, de momento, só podia responder por mim, e que a minha resposta era em princípio positiva.

Foi com sincera mágoa que tive notícias da traição que a PIDE lhe montou, e na qual perdeu a vida, assassinado.

Não é fácil imaginar que a criminoso organização planeou e executou a conjura sem o conhecimento e a concordância do ditador. O susto da candidatura de Delgado, e o facto de depois ter estado por detrás da revolução de Beja, terão estado na origem do projecto de assassiná-lo. ■

## BREVES



### EUFORIA DO GOVERNO É DESPROPOSITADA

O presidente da bancada do PS, Eduardo Ferro Rodrigues, considerou a "euforia" do Governo face ao futuro de Portugal como "despropositada" e irrealista, criticando o Executivo por ter ignorado as mudanças ocorridas na Europa. Ferro Rodrigues disse, durante o debate quinzenal com o primeiro-ministro no Parlamento, que Pedro Passos Coelho, depois de ter assumido algum otimismo face ao futuro do país, "esquece-se da overdose fiscal sobre os portugueses em 2014, dos cortes ao investimento público e em prestações essenciais para os mais pobres e, por isso, trouxe-nos aqui um dos contos mais absurdos para crianças, trouxe-nos uma história da carochinha".



### CÉSAR ACUSA CAVACO DE HUMILHAR O POVO GREGO

Carlos César acusou o Presidente da República de humilhar o povo grego ao proferir declarações que revelam pouco sentido de Estado e de agir como "um delegado eleitoral" do PSD. O presidente do PS reagiu assim às declarações do inquilino de Belém sobre os muitos milhões de euros que teriam saído dos bolsos dos portugueses para ajudar a Grécia. "São declarações que procuram humilhar o povo grego e o Governo grego", afirmou o presidente do PS. Carlos César lamentou ainda que Cavaco Silva em todas as suas declarações públicas insista em colocar-se como "um delegado eleitoral do partido maioritário do Governo".



### SAMPAIO É DOUTOR HONORIS CAUSA

O camarada e antigo chefe de Estado Jorge Sampaio foi distinguido com o doutoramento Honoris Causa pela Universidade do Porto. De acordo com a referida instituição de ensino superior, a atribuição do título de doutor Honoris Causa a Sampaio visa distinguir "o contributo social do antigo Presidente da República no exercício de cargos públicos, o exemplo cívico do seu percurso de vida e a dimensão internacional que o seu trabalho alcançou". E refere a criação da Plataforma Global de Assistência Académica de Emergência a Estudantes Sírios como um dos exemplos da dimensão internacional do trabalho de Jorge Sampaio.



### APROXIMAR À ESPANHA E VALORIZAR INTERIOR

O líder do PS, António Costa, defende uma aproximação de Portugal à Espanha, sublinhando que toda a faixa do interior do território deve ser a "grande base de afirmação" junto do mercado ibérico e global. O secretário-geral socialista falava aos jornalistas em Campo Maior, após uma visita à Adega Mayor, Centro de Ciências do Café de Delta-Cafés, pertencentes ao Grupo Delta, ocasião que aproveitou para reafirmar o seu empenho na preparação de uma estratégia conjunta para o desenvolvimento regional transfronteiriço. ■



## TRÊS PERGUNTAS MARIA DA LUZ ROSINHA

SECRETÁRIA NACIONAL DO PS  
PARA AS AUTARQUIAS

### No encontro autárquico de Santarém serão debatidos seis temas da máxima pertinência e atualidade política. Qual ou quais considera centrais e por quê?

No dia 28, em Santarém, em sessão aberta a militantes, simpatizantes, autarcas e todos os que defendendo um projeto de mudança para Portugal, queiram refletir sobre as questões relacionadas com a valorização do território e o reforço do poder local, na lógica respetivamente do desenvolvimento, da coesão, da descentralização e da aproximação aos cidadãos, o que torna todos os temas de particular interesse desde logo para os autarcas e para o papel de grande importância que o Partido Socialista lhes atribuem no contexto de mudança, que se pretende para Portugal.

### Em que medida todas estas preocupações temáticas espelham ou servem as linhas estratégicas traçadas na Agenda para a Década?

A relação direta destas temáticas com a Agenda para a Década é clara, já que este documento que, eu diria, é um documento prévio, enuncia a maior parte dos compromissos que o Partido Socialista vai sufragar e assumir com os portugueses, desde logo tendo uma nova visão sobre o território que

permita rentabilizar os recursos endógenos e as valias naturais e promovendo sempre uma maior coesão entre os diferentes espaços, estimulando o seu dinamismo económico. Ao mesmo tempo que reforça o poder local pela via da descentralização, garantindo assim uma administração de proximidade.

### Na qualidade de secretária nacional do PS para as Autarquias, defende que um projeto de Mudança para Portugal passa também por mudar o poder local e por "valorizar o território, descentralizar e aproximar"?

Um projeto de mudança para Portugal tem de ser construído de baixo para cima, não excluindo quem quer que seja, como tem sido marca negativa do atual governo e por isso, todos os cidadãos estão, diria, convocados para esta missão. Os cidadãos, pelo sentimento direto de quem tem sofrido na pele as consequências das políticas de um governo que se esqueceu das pessoas, como tem sido possível verificar em todas as suas decisões, depois os autarcas desde as Assembleias aos Executivos, quer de freguesia ou municipais, pelo conhecimento direto dos problemas e do impacto das políticas erradas, com que, pela proximidade e relação aos cidadãos, estão diariamente em contato. ■ M.R.



## FOTOGRAFIAS COM HISTÓRIA



### I CONGRESSO DO PARTIDO SOCIALISTA

Mesa que presidiu aos trabalhos do I Congresso do Partido Socialista, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, em 13 de dezembro de 1974. ■

